

# III ENECULT

## TERCEIRO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

Trabalho apresentado no III ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

### OS CONTERRÂNEOS NORDESTINOS NA METRÓPOLE DE SÃO PAULO: SEUS SÍMBOLOS, SUA MEMÓRIA E SEUS MITOS.

Soledad Galhardo<sup>1</sup>

#### Resumo

Este trabalho pretende considerar a condição dos migrantes nordestinos, que atraídos pelas ofertas da cidade de São Paulo, encontraram um outro ambiente que não é aquele que procuravam e que ameaçou destruir, por meio do utilitarismo funcional inerente ao consumismo, à efemeridade dos acontecimentos, à velocidade de mudanças de regras, das modas e dos modos de ser, tudo o que esses grupos de migrantes trouxeram na sua bagagem humana: sua cultura, sua identidade, seus símbolos, tornando-os traídos nos seus desejos e expectativas. Neste cenário, busca-se compreender a formação do conceito de cultura nordestina.

**Palavras chave:** Cultura, desterritorialização, nordestinos, metrópole, memória.

As migrações internas no território brasileiro foram provocadas pela criação de desigualdades regionais, acompanhadas pelo processo de industrialização dos moldes capitalistas. As regiões favorecidas por arranjos institucionais foram acumulando vantagens, e neste processo, os efeitos do progresso concentraram-se em determinados territórios. Muitas regiões empobreceram, e embora participassem do processo, não foram beneficiadas por ele. Nelas, o nível de vida permaneceu baixo e os horizontes culturais e econômicos praticamente se fecharam.

Provocaram, desta forma, o êxodo rural, migração campo-cidade, um movimento horizontal de população que envolveu milhões de pessoas, principalmente nos países

---

<sup>1</sup> Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação- CELACC/ECA/USP.  
email: sol.indiana@terra.com.br

subdesenvolvidos, a partir da década de 50, quando ocorreram mudanças estruturais nas economias nacionais e mundiais.

Os fatores de expulsão que levam às migrações são de duas ordens, citados por Paul Singer: *os fatores de mudança* – que decorrem do processo de industrialização, na medida em que atinge a agricultura, trazendo inovações na técnica e em consequência, o aumento da produtividade do trabalho; *os fatores de estagnação*, que resultam da incapacidade dos produtores de elevarem a produtividade da terra, a exemplo do Nordeste brasileiro, cujas áreas cultiváveis foram monopolizadas pelos grandes proprietários.

Os fatores de expulsão indicam as áreas de origem dos fluxos migratórios, mas são os fatores de atração que determinam a orientação destes fluxos, e o mais importante deles é a demanda por força de trabalho, que Singer denomina de “oportunidades econômicas”<sup>2</sup>.

Entretanto, há dois obstáculos que se interpõem entre o migrante as “oportunidades econômicas”: a falta de qualificação necessária para a vida no mercado de trabalho urbano industrial e a falta de padrões sócio-culturais.

Para Milton Santos:

“...as migrações brasileiras são migrações forçadas, provocadas pelo fato de que o jogo do mercado não encontrou qualquer contraponto nos direitos dos cidadãos. São freqüentemente ligadas as consumo e à inacessibilidade a bens e serviços essenciais”<sup>3</sup>

Assim, a história do Nordeste é fortemente marcada pela história de expulsão de seu povo. A cada nova estiagem, o nordestino é obrigado a migrar para suprir as necessidades do capital.

As violentas secas assolavam as áreas chamadas Polígono das Secas, abrangendo todo o sertão do Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Sergipe e parte do norte de Minas Gerais, área de ocorrência do clima semi-árido.

As secas, porém, não provocavam a migração, apenas determinavam a hora de partir, quando o gado morria, a terra ressecava, e não havia mais nada para se fazer, ou, não havia mais condição de se viver<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Paul SINGER, *Economia Política da Urbanização*, p.37.

<sup>3</sup> Milton SANTOS, *Espaço do cidadão*, p.61.

<sup>4</sup> Yná ANDRIGUETTI, *Nordeste: Mito ou Realidade*, p. 110

Sobrando mão-de-obra no Nordeste e faltando em outras regiões onde as necessidades do capital determinam a demanda de mão-de-obra, o nordestino partia, não por uma opção livre e consciente e nem por uma escolha deliberada, mas sim, para sobreviver. Porém, foram “dirigidos” e orientados, por força de arranjos institucionais.

A força de atração constituía em traição, isto é, já partiam traídos como mão-de-obra barata nas ardiduras do capitalismo.

No cancionário nordestino é comum encontrar-se expressões do sentimento nordestino de apego à terra natal e a sua decisão de partir quando não é mais possível ficar. As migrações do povo nordestino foram dirigidas de acordo com o momento histórico e econômico em que o país se encontrava<sup>5</sup>.

Desse modo, foram direcionados para a Amazônia, no final do século XIX, quando o Brasil começou a despontar como grande produtor e exportador de borracha. Penetrando pela floresta, para a extração do látex das seringueiras, os nordestinos tornaram-se agentes importantes na incorporação do Acre ao território brasileiro, antes pertencente à Bolívia.

A partir do século XIX, os nordestinos foram direcionados para o Sudeste, especialmente para São Paulo que liderava o processo de industrialização no país. Além das indústrias, a lavoura do café também precisava de trabalhadores para substituir a imigração estrangeira, cuja entrada foi restringida por legislação federal.

Quase todos os nordestinos que chegavam a São Paulo eram dirigidos para a zona rural; somente após este período é que eles começaram a migrar para a capital, onde trabalhavam como operários.

Após os anos 30, o governo criou a Inspetoria do Migrante, pois a necessidade de mão-de-obra no Sudeste era muito grande. Este órgão fazia a seleção de trabalho e fornecia-lhes as passagens, dirigindo-os para São Paulo.

As construções de estradas, nos anos 50, facilitaram o movimento migratório. No final da década, com a construção de Brasília, eram encaminhados para o Distrito Federal, onde ficaram conhecidos como “candangos”. Após o término das obras foram “confinados” nas cidades satélites, expulsos da cidade que ajudaram a construir<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Quando a lama virou pedra/e o mandacaru secou/ quando arribaçã de sede/bateu asas e voou/ eu entonce fui embora/carregando a minha dor/Hoje eu mando um abraço/Pra ti pequenina...(Paraíba, Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga)

<sup>6</sup> Yná ANDRIGUETTI, *Nordeste: Mito ou Realidade*, pg. 111

Nesta mesma época, dado o processo de industrialização e o crescimento da população, o Rio de Janeiro e São Paulo necessitavam de mão-de-obra para a construção civil. Foram os nordestinos que vieram para suprir a carência, construindo as moradias, nas quais não iriam habitar.

A política desenvolvimentista herdada do governo JK, ainda crescia no país na década de 60 e centenas de caminhões, os chamados “paus-de-araras” que vinham para o Sudeste sempre lotados, não ofereciam nenhuma segurança, transportando milhares de trabalhadores em condições precárias, como observa Yná Andrighetti:

“... Os migrantes eram colocados na boléia dos caminhões onde se sentavam em bancos de madeira. Para se apoiar, seguravam-se em tábuas (como se fossem barras) colocadas à frente de cada banco. Daí utilizar-se o termo “pau-de-arara” em analogia à maneira como essa ave se apoia para dormir. Durante o dia, sob sol ou sob chuva, à noite, cobertos por uma lona, os nordestinos viajavam durante muitos dias para chegar à cidade grande e “ganhar a vida”<sup>7</sup>.

A traição flagrava-os durante a viagem, pelas condições desumanas e indignas a que eram submetidos.

Porém, é na chegada à cidade que as traições multiplicavam-se.

Assim como a cidadania e a cultura formam um par de significações, a cultura e a territorialidade são amálgamas, como ensina Milton Santos. O território em que vivemos é maior do que um simples conjunto de objetos, com os quais moramos, trabalhamos e circulamos. O mundo dos símbolos é o mundo da linguagem regional que nasce da comunhão com o lugar.

Para o autor, os migrantes, além de passarem pelo processo de desterritorialização, sofrem também o processo de desculturização<sup>8</sup>.

Dessa forma, a cidade ameaça destruir tudo que os nordestinos trouxeram na sua bagagem humana: seus símbolos, seus mitos, seus ritos, enfim, o seu universo simbólico, pois chegar à cidade significa deixar para trás uma cultura herdada para defrontar-se com outra.

O grande fluxo migratório para São Paulo provocou um crescimento acelerado da população, aprofundando uma tendência que vinha-se observando: o da favelização. Os

---

<sup>7</sup> Ibid, pg.112.

<sup>8</sup> Milton SANTOS, *Espaço do Cidadão*, p. 61

nordestinos são apontados como culpados pela explosão demográfica da cidade, no velho argumento liberal-conservador que “culpa” pessoas, causadoras da “poluição” paulistana. É o modo de ver o nordestino, de forma intolerante e seletiva, que nega as condições estruturantes do crescimento: a cidade aumentou em habitantes, mas aumentou também em riquezas, não estabelecendo vínculos entre os dois crescimentos<sup>9</sup>

As mulheres foram dirigidas para o emprego doméstico e passaram a constituir o desvalorizado universo das “empregadas domésticas”, que por muitos anos, caiu no deboche e na desqualificação social e humana. Os homens foram para a construção civil e para serviços braçais, conhecidos como peões de obra, e tantas outras designações-desígnios.

Sua aparência os “delata”: a pele castigada pelo sol, no rosto os vincos que se antecipam à idade, o corpo desnutrido, os pés e as mãos maltratados e o sotaque, marca de sua territorialidade, sons de seu universo. De recurso necessário o migrante nordestino foi transformado em problema social.

O nordestino, que saiu de sua terra quando não era mais possível ficar, carrega um grande desejo: o de voltar.

O cancionero nordestino, como na partida, exprime o desejo pela volta<sup>10</sup>.

Muitos alimentam a esperança de “juntar um dinheirinho” para voltar à sua terra natal, lugar de suas raízes, da sua linguagem, onde pulsam os seus sentimentos e onde são reconhecidos sem precisar de se explicar.

Outros querem voltar para visitar as famílias, e outros, agradecendo à cidade, apesar de tudo, pensam em ficar de uma vez.

De uma forma ou de outra, eles procuram reproduzir a sua cultura na cidade e se tornaram um “nicho” de mercado para o consumo de bens, de lazer e de entretenimento.

No largo da Concórdia, na cidade de São Paulo, concentram-se muitas lojas de discos de músicas nordestinas, ponto de encontro de produtores de canções e literatura de cordel; armazéns de comidas e ingredientes vindos de todas as regiões do Nordeste como carne de sol, manteiga de garrafa, condimentos, pinga, pimenta, feijão de corda, rapadura,

---

<sup>9</sup> Aldaíza SPOSATI, Desejo de São Paulo, Dossiê Cidades, Novos Estudos, p.186

<sup>10</sup> Eu sou filho do nordeste / não nego meu naturá / Mas uma seca medonha me tangeu de lá / Lá eu tinha Gadinho, num é bom nem imagina Minha vaca Estrela/ E o meu belo boi Fubá/ Quando era de tardinha eu começava aboia. (Terra Natura – Patativa do Assaré)

que se misturam às selas, às sandálias de couro, ao gibão, às ervas, aos remédios da terra, e outros signos nordestinos, expostos à poluição da cidade.

Nos últimos anos, muitas casas “nordestinas”, tais como a Patativa, Danado de Bom, Remelexo e Centro de Tradições Nordestinas, este coligado à Rádio Atual, foram instaladas em São Paulo, lugares de lazer, e entretenimento e culinária,

Os conterrâneos identificam-se e são identificados como nordestinos na vida cotidiana da metrópole. Carregam os desígnios da desterritorialização, e como num jogo de espelhos, refletem e refratam, entre si, as marcas da partida da terra natal, da viagem para o Sul, da chegada e da vida em fragmentos. Reconhecem-se nos seus mitos, na sua memória e nos seus símbolos.

Mas o que é o Nordeste? O que é a cultura nordestina? O que sustenta uma pretensa unidade da chamada “cultura nordestina”?

Até 1910, o Nordeste não existia. A idéia do Nordeste é recente; tem pouco mais de um século, embora pareça eterna e natural aos brasileiros, como afirma Moacir dos Anjos. Sua origem remonta à reação política ao desmantelamento das economias do açúcar e do algodão, que provocou a busca de soluções diante da crise que se abateu sobre os municípios que delas dependiam<sup>11</sup>.

“O Nordeste é filho da ruína da antiga geografia do país, segmentada entre Norte e Sul”<sup>12</sup>, diz Durval Muniz de Albuquerque Jr.

O antigo Norte vivia um período de crise acentuada, com o processo de aprofundamento de sua dependência econômica, de sua submissão política em relação às outras áreas do país, da incapacidade de assegurar mão-de-obra suficiente para as suas atividades urbanas e rurais.

O Sul emergia pelas mudanças substanciais no campo econômico e técnico, com a industrialização, a urbanização, a imigração em massa, o fim da escravidão, principalmente São Paulo, que como foi visto com Singer, reunia condições preexistentes para absorver essas mudanças.

---

<sup>11</sup> Moacir DOS ANJOS, file Vinte notas sobre a identidade cultural no Nordeste do Brasil, acesso dezembro 2003.

<sup>12</sup> Durval Muniz de ALBUQUERQUE JR, *A Invenção do Nordeste*, pg. 39

No início do século XX assistiu-se à emergência de um novo tipo de regionalismo, não mais aquele difuso e provinciano do século XIX, mas um regionalismo que reflete as diferentes formas de perceber e representar as diversas áreas do país.

A Primeira Guerra trouxe, como consequência, a nova distribuição mundial do poder: a ascensão dos Estados Unidos e a readaptação da geografia da Europa. O olhar europeu sobre o Brasil, que o via como uma natureza exótica, em que o meio e a raça eram fatores determinantes do atraso cultural, começa a se transformar progressivamente.

A partir daí, começam a surgir no Brasil vários discursos, tanto do Norte como do Sul, buscando a compreensão da totalidade nacional a partir de suas partes. A deficiência dos meios de transporte, as grandes distâncias entre o Norte e o Sul, tornavam-nos desconhecidos entre si. Dois mundos segregados, que se olhavam com o mesmo olhar de estranhamento com que a Europa nos espreitava<sup>13</sup>.

Na década de vinte, o nacionalismo visava ao conhecimento do país, de suas particularidades regionais e a superação das distâncias que impediam a emergência da Nação. Porém, esse projeto foi travado porque os regionalismos acentuaram-se, não como um processo neutro, mas sim como um processo politicamente orientado, procurando a hegemonia de uns espaços sobre os outros.

Os políticos dos Estados do Norte precisavam deslocar-se para o Rio de Janeiro, que centralizava o poder; os sulistas só conheciam o Norte por meio dos discursos dos parlamentares ou pela imprensa - rádio e jornal - que construía um Norte “bizarro” e um Sul “civilizado”. Esses relatos dão início a uma tradição que toma o espaço de onde se fala como centro de referência, como afirma Durval Muniz de Albuquerque:

“...Esses relatos de estranhamento também funcionavam no sentido de criar uma identidade para a região de quem fala em oposição à área de que se fala, inventando os nortistas e os paulistas”<sup>14</sup>.

Essa tendência consolidou-se pelo processo do poder hegemônico do sistema de comunicação brasileiro, concentrada no Sudoeste do país<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> Ibid. pg. 41.

<sup>14</sup> Ibid, pg. 42.

<sup>15</sup> Gabriel PRIOLLI entende que a partir da instalação do sistemas de satélites, implantado em 1985, o país todo começou a compartilhar de uma determinada imagem do Brasil, e de suas características, inteiramente construído no Sudeste e por um número bastante reduzido de pessoas

O regionalismo paulista configura-se como um regionalismo de superioridade, dado os seus símbolos de modernidade, e o regionalismo dos intelectuais dos Estados do, então, Norte, deram início a um discurso, construindo o Nordeste como o guardião dos valores nacionais.

Este discurso foi, gradativamente, substituindo o antigo Norte, decadente e derrotado diante do Sul. Um Norte com a economia do açúcar e do algodão desmantelada, com uma imagem formada, principalmente, para as populações do Sul, como terra de bandidos, terra sem-lei, do cangaço, da indústria da seca, dos fenômenos messiânicos, como o de Canudos, e das violências de suas oligarquias.

Porém, a “invenção” do Nordeste, resulta do cruzamento de dois olhares: o olhar regionalista, que constrói o Nordeste pelas suas produções estéticas, na medida que se subjetivam como nordestinos, e o olhar do “outro”, do sulista, na medida que os objetivam como nordestinos.

Eles mesmos “nordestinizaram-se”, ao mesmo tempo que foram “nordestinizados” pelo outro. Nascia daí as dicotomias Nordeste e Sudeste, improdutivo e trabalhador, rural e urbano, atraso e progresso, pobreza e riqueza<sup>16</sup>.

É nesse momento que a percepção provincial do antigo Norte, então vigente, começa a ruir e, a partir daí, inicia-se a elaboração de um discurso regionalista, que se define por oposição ao “Sul” cafeeiro e industrializado.

Esse discurso demarcou o espaço do Nordeste, dando contornos a uma identidade cultural nordestina que o legitima e o representa.

Um fator importante para a consolidação da legitimidade desse discurso foi dado pelo Livro do Nordeste, organizado por Gilberto Freyre, lançado em 1925, que não só o mapeou em diversas áreas temáticas, como também tinha o objetivo de marcar o Nordeste como o berço da nacionalidade brasileira.

---

entre roteiristas, redatores e artistas, surgindo, assim, a ipanemização da linguagem, como o falar carioca, e também o sotaque e a mentalidade dos paulistas. Culturas regionais, como a nordestina e a gaúcha, perderam qualquer chance de uma difusão nacional autônoma. Diz Priolli “Um certo Brasil, o oficial, esmaga um outro Brasil, o real, no que seria a festa de conagração da unidade nacional” ao referir-se sobre a cena em que o índio Gildo foi espancado pelo poder armado, diante das câmeras de TV, tornando um fato significativo para a compreensão de que o povo vive antes na diversidade do que na plácida homogeneidade, *A TV aos 50 anos*, 2000.

<sup>16</sup> Margareth RAGO, no prefácio *Sonhos do Brasil in Invenções do Nordeste*, de Durval Muniz de Albuquerque



Assim, a cultura nordestina conformaria-se, não só por meio das suas diferenças em relação às demais regiões do País, mas também pela sua condição de depositária das tradições culturais da nação, observa Moacir dos Anjos:

“...Por meio do resgate seletivo do que individualiza aquele espaço, essa variada produção cultural inventa códigos de compreensão simbólica de uma comunidade e simultaneamente a eles se conforma, adquirindo um inequívoco caráter regional e fazendo com que o Nordeste se perceba e se apresente como nordestino. Ainda que fisicamente dispersos e distintos em quase tudo, os habitantes dos seus mais distantes recantos constroem um lugar simbólico comum e passam, gradualmente, a se imaginar como pertencentes a uma comunidade única”.<sup>17</sup>

Em 1930, surge o Movimento Regionalista, liderado por Graciliano Ramos, que se opunha aos Modernistas do Sul, cuja força simbólica apoiava -se no universo urbano - industrial.

O ideário do Movimento Regionalista, por muitas décadas, constitui em fonte de referência para a maior parte da produção cultural do Nordeste brasileiro, dotando-a de um forte sentimento da identidade nordestina.

Com Graciliano Ramos, os escritores Jorge Amado, Raquel de Queiróz, José Lins do Rego e outros, promoveram a renovação do romance de denúncia social, uma das faces da identidade nordestina. No entender de Enaura Q. Melo e Silva,

“...A terra é seca, a linguagem é cortante, a paisagem do sertão é inóspita com seus mandacarus e cactos, os personagens parecem curtidos no calor escaldante e na dor silenciosa da terra gretada da caatinga. Não se trata de uma literatura redutora, mas ao contrário, mergulhando nas raízes locais, constrói o universal”<sup>18</sup>.

Os movimentos eruditos, portanto, iniciaram os esforços para a formação de uma cultura nordestina.

Mas, do Maranhão à Bahia, as expressões manifestava-se, e vêm se manifestando, de forma singular e diversificada, revelando a face das condições humanas por meio de sons, palavras e cores, produzidas nos espaços locais, condicionados pelos fatores sócio-

---

<sup>17</sup> Moacir DOS ANJOS, file Vinte notas sobre a identidade cultural do Brasil htm, acesso em junho de 2003.

<sup>18</sup> Enaura Q. ROSA E SILVA, *O papel da literatura e da arte na formação da identidade nordestina*, revista Comunicação e Política, p. 50.

econômico e político, onde o homem, sujeito histórico, interage para harmonizar os fragmentos de sua realidade, produzindo um número infinito de práticas culturais.

A unidade ocorre quando se encontra um fio que perpassa todos os estados do Nordeste, integrando-o em uma identidade comum.

Um destes fios é a literatura oral, trazida pelas mãos dos colonizadores, no início do século XVII, que foi se cruzando com os mitos indígenas e com as narrativas africanas. Esses mitos integram as narrativas por meio das quais a sociedade fala de si, conta o que sabe, expressando suas idéias, valores e modo de vida, que vão se transformando num processo contínuo, ou pela rejeição, ou pelo embate, ou reestruturados, adotados, enfim, por diversos processos de cruzamentos.

Assim, acontece com a literatura de cordel, textos escritos em verso, que se manifesta nas regiões compreendidas entre os estados do Ceará, Pernambuco, Bahia, Paraíba e Alagoas, representantes da geopolítica do cordel.

Além disso, o cordel vem alfabetizando muitos sertanejos, que aprenderam ou aprendem a ler, motivados pelas histórias e desejosos de expressar seus sentimentos pelo fazer poético. Essa literatura fala de coisas simples, para gente simples, analfabetos ou semi-letrados, para quem os folhetos em versos possuem um grande sentido de sua existência, como diz Enaura Q. Rosa e Silva<sup>19</sup>.

No princípio, o cordel constituía-se apenas na voz dos violeiros, empenhados na transmissão oral das histórias rimadas, ao sabor da métrica, da musicalidade e da poesia improvisada, cantada ao som da viola.

Na Paraíba nasce a Escola de Cantadores de Teixeira, criada sob a influência de Francisco Romano Caluete, rival do trovador Inácio das Catingueira. Dispersando-se e adentrando pelos sertões, estrutura e generaliza a poética nordestina e sertaneja.

Aos poucos, essa literatura oral passa a ser impressa em folhetos, que eram (e são) pendurados nos cordéis das feiras e recitados nas romarias e nas festas populares, formando um grupo de poesia tradicional, de composição literária.

Cantam em versos as aventuras dos heróis populares e acontecimentos que impressionam a imaginação do povo, organizados em ciclos: o heróico, o maravilhoso, o

---

<sup>19</sup> Ibid, p.p. 48,49.

religioso, o de moralidades, o cômico, o satírico, o picaresco, o do amor e felicidade, e os subciclos, no ciclo heroíno, como o de Lampião.

A literatura de cordel registra também fatos históricos, acontecimentos sociais, fenômenos da natureza e muitos assuntos que despertam a atenção popular e que se transformaram em motivo do poetar do povo nordestino.

A música constitui um outro fator preponderante na formação da cultura nordestina. Seu maior representante é Luiz Gonzaga, que surgiu em 1940, foi o primeiro nordestino a se destacar nos grandes centros urbanos, na época áurea do rádio e divulgar a “música nordestina”<sup>20</sup>.

Nas capitais nordestinas, dirigia a sua música para o público que podia comprar os seus discos. Mas, foi nas capitais do Sul que ele encontrou uma forma de criar a “identidade nordestina”.

Na Rádio Record de São Paulo e na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, apresentava o programa “*No mundo do Baião*”, conquistando o migrante nordestino radicado nestas cidades. Porém, não foi apenas pelo baião que Luiz Gonzaga cativou os nordestinos. Ele apropriava-se de outros recursos simbólicos, tais como expressões regionais, elementos culturais populares e também contando casos e memórias das zonas rurais.

O seu sotaque permitia uma maior aproximação com o migrante, que por meio do “som familiar”, funcionava como um índice de identificação, remetendo a outras associações simbólicas, inclusive ao próprio universo dos conterrâneos desterritorializados.

Criou uma indumentária composta de roupa de vaqueiro e chapéu usado pelos cangaceiros, com a qual se apresentava em público, ou para fotos que o estampavam em jornais e em capas de discos.

Desta forma, Luiz Gonzaga tornou-se o artista capaz de atender à necessidade do migrante em escutar os seus sons e mirar as imagens que lembravam a sua terra, formando, assim, o espaço da saudade, em meio ao estranho mundo urbano.

O sucesso de Luiz Gonzaga foi dado por uma produção que valorizava as músicas dançantes, de natureza lúdica. Ao mesmo tempo, atendia o consumo crescente de signos nordestinos e regionais como signos da nacionalidade. Para Durval Muniz de Albuquerque:

---

<sup>20</sup> Durval Muniz de ALBUQUERQUE JR, *A Invenção do Nordeste*, p.p.150, 151.

“...Seu maior sucesso se dá entre os migrantes nordestinos, pois se conecta com a saudade do lugar de origem, com o medo da cidade grande e, ao mesmo tempo, com o orgulho de estar enfrentando-a, com seus valores de origem rural como a religiosidade e a importância dos laços familiares”<sup>21</sup>.

Seu mérito, no entanto, consiste em romper com o estilo estereotipado da música folclórica, presa a chavões nas letras e nas melodias, na qual o que se destacava era o som da sanfona, do triângulo e do zabumba, como afirma Rosa e Silva:

“..Sem deixar de ser fiel a tais elementos caracterizadores, ele inseriu-lhes uma poeticidade até então pouco comum na nossa música mais típica. E a fidelidade às suas raízes sertanejas evidenciou-se na temática das suas melhores canções: o sofrimento, mas também a força do nordestino, a sua visão de mundo, a luta pela sobrevivência, o êxodo forçado pela seca, a saudade da terra e o desejo da volta”<sup>22</sup>.

Luiz Gonzaga abriu uma trilha para outros cantores como Dominginhos, Zé Ramalho, Nando Cordel, Alceu Valença, enfim, uma geração que simboliza o “universo nordestino”, em nível do consumo de mídia.

A diversidade de sons e a riqueza de uma cultura multifacetada fizeram surgir diversos núcleos musicais, em diferentes pontos da região, que vêm consolidando a arte musical nordestina, identificados com suas raízes, mas abertos à inovação. São focos de criação musical, nos quais prevalecem os traços que identificam cada região, com novos sons e ritmos, mas sem abandonar as suas origens e inspirações primárias – o sertanejo rude, sofrido, aquele homem narrado e descrito por Graciliano Ramos e José Lins do Rego, no universo de linguagem em profunda comunhão com a terra.

Dentre estes movimentos destaca-se o Mangue Beat, de Pernambuco, oriundo das regiões dos mangues, com uma música de protesto. O Mangue está associado à troca incessante de matéria orgânica entre o doce e o sal, entre as águas do rio e do mar.

Talvez, observa Moacir dos Anjos, a ideia do Mangue Beat resida no fato de que os manguesais do Recife tornaram-se metáfora da necessidade de intensificar-se as trocas culturais entre si. Dessa forma, Chico Science dá uma resposta àqueles que querem

---

<sup>21</sup> Ibid, pg. 157.

<sup>22</sup> Enaura Q.ROSA E SILVA, op.cit, pg.50

canonizar os ritmos nordestinos em folclore, e mostrou ser possível conectar o universo fértil dos manguesais com “a rede mundial de conceitos pop”<sup>23</sup>.

No Maranhão, Zeca Baleiro une o lirismo a uma forte influência dos maracatus, vindos de outras regiões, e a diferentes ritmos próprios de sua terra.

A Bahia diferencia-se dos demais núcleos produtores por estar ancorada num forte esquema de marketing. O axé da Bahia e os seus trios elétricos tornaram-se espetáculos, não se notando muita preocupação com as tradições mais simples e populares.

Mas a música baiana não é apenas aquela que vem da sonoridade dos trios elétricos. Em muitas regiões da Bahía, certamente existem grupos dentro desta proposta cultural, que retomam os ritmos originais dos atabaques, dos sons de percussão, mas que não têm o destaque dos grupos e cantores de axé.

Para Rosa e Silva, a música é a área mais rica do Brasil; a música nordestina representa uma grande parcela desta área, que nas mais distintas regiões cria e recria suas raízes, mesmo que diversificadas, marcam a identidade e a alma do nordeste.

Na década de 70, em Recife, Ariano Suassuna retoma a relação entre o texto dos folhetos do romanceiro popular do Nordeste, a música, a viola, a rabeça ou pífano, a xilogravura para

“...criar uma estética nova, herdeira da voz, do instigante, do improvisado, do provisório, uma estética em movimento que não imobiliza obra (convertendo-se em “obra-prima” imutável) uma estética que se alimenta de suas obras tanto quanto das obras alheias, em um ciclo infinito de retomadas e empréstimos...”<sup>24</sup>

Chamado de armorial, este movimento ancorado em bases autenticamente nordestinas, aglutinou fontes populares, reuniu músicos, artistas, cantores, dançarinos, coreógrafos, poetas, xilógrafos, e revitalizou a estética nordestina, convergindo resultados para a formação do conceito de “cultura nordestina”.

A culinária pode ser também considerada como um elemento agregador para a formação do conceito de “cultura nordestina”. A sua valorização remonta da década de 30 do século passado, quando, no Congresso Regionalista do Recife, Gilberto Freyre lançou a primeira edição do seu livro sobre a culinária regional, dedicado, principalmente, aos doces

---

<sup>23</sup> Moacir DOS ANJOS, op. cit

<sup>24</sup> Enaura Q. ROSA E SILVA, op.cit.,pg.50

do Nordeste canavieiro. Até então, a bibliografia sobre a culinária regional praticamente não existia, como defende Dênis Bernardes<sup>25</sup>.

A própria culinária regional mais tradicionalista mantinha-se apenas no interior das famílias que conservavam seus hábitos alimentares. Era encontrada também em mercados e feiras populares, o que não era considerado “bom tom” freqüentar. Já em 1926, Gilberto Freyre sugeria que a culinária nordestina poderia ser apreciada não só nos restaurantes “frege-moscas” dos mercados e das feiras, mas também conquistar um *status* em conjunto com outras formas de consumo<sup>26</sup>.

A culinária nordestina é também oferecida em restaurantes e hotéis, desde os mais populares até os de luxo, o mesmo acontecendo com a cachaça, que passou a ser consumida em todos os cantos do país. A própria palavra cachaça perdeu o estigma de bebida para “desqualificados”, ganhando outros significados como a “branquinha”, apreciada como o é um bom uísqui, como diz Bernardes.

Em 1971, Câmara Cascudo lançou o livro *Prelúdio da Cachaça. Etnologia, história e sociologia da aguardente no Brasil*, que foi seguida por outras publicações<sup>27</sup>. Bernardes lembra que nas campanhas políticas, até mesmo à presidência da República, os candidatos aparecem na mídia “bicando uma branquinha”, não podendo, até mesmo, escapar de uma buchada ou de um bode assado ou guisado, caso não queira perder os votos dos possíveis eleitores.<sup>28</sup>

A fé popular também pode ser considerada como um valor amalgamado à cultura nordestina. A exemplo da literatura de cordel, foi tecida com um mesmo fio que perpassou inúmeras regiões do Nordeste. Os relatos dos viajantes sobre o milagreiro Padre Cícero, partiam de Juazeiro, onde ele era venerado, e levavam aos habitantes um alívio,

---

<sup>25</sup> Denis BERNARDES, *A apropriação da produção cultural nordestina nas condições de dependência*. Revista Comunicação e Política, pg.102.

<sup>26</sup> Hoje, a bibliografia da culinária nordestina é bem expressiva; entre muitas obras publicadas, pode-se destacar: JAPIASSÚ, Moacir. *Danado de Bom! O melhor da cozinha nordestina*. São Paulo: Ática, 1995; SOUTO, Mário. *Comes e Bebes do Nordeste*. Recife: Bagaço, 1995; LODY, Raul. *Culinária Nordestina. Encontro do mar e do sertão*. São Paulo: Senac, 2002; GASPAREL, Lúcia e VILA NOVA, Sebastião, *O Sabor da terra: uma bibliografia sobre a culinária brasileira. In Ciência e Trópico. Recife*

<sup>27</sup> A bibliografia sobre cachaça tem crescido, devido a valorização econômica e social, conta até mesmo com registro de patente no mercado mundial, medida tomada pelo governo federal.

<sup>28</sup> Dênis BERNARDES, op. cit. p. 103

amenizando por vias do sagrado, o sofrimento e a desesperança causados pelos flagelos da seca<sup>29</sup>.

Talvez seja possível dizer que o Nordeste do Brasil, como espaço de limites simbólicos definidos, não exista, como diz Moacir dos Anjos<sup>30</sup>.

Mas ele permanece como repositário de símbolos, mitos, técnicas e imagens que garantem a sua presença entre as múltiplas, complexas e impuras heranças culturais, que resistem às ameaças da globalização da cultura.

Pelos caminhos críticos da assimilação ou da diferença, o Nordeste com suas múltiplas práticas culturais, é tratado como um todo homogêneo.

Por meio deste repositário, os migrantes participam de uma mesma identidade regional, que ao mesmo tempo os discrimina na cidade grande. Percebendo-se como iguais, falando o mesmo sotaque, com os mesmos gostos e costumes, partilham o código dos conterrâneos, forjado na desterritorialização.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste*. São Paulo: Cortez, 1999.

ANDRIGHETTI, Yná. *Nordeste, Mito e Realidade*. São Paulo: Moderna, 2000.

PRIOLLI, Gabriel. *Antenas de Brasilidade*. In *A TV dos anos 50, criticando a televisão brasileira no seu cinqüentenário*. São Paulo: Fundação Fabiano, 2000.

SANTOS, Milton. *Espaço do cidadão*. São Paulo, Hucitec, 1996.

SINGER, Paul. *Economia Política da Urbanização de São Paulo*. São Paulo: Contexto, 1998.

SPOSATI, Aldaíza. *Cidade em Pedacos*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

RAGO, Margareth. *Sonhos de Brasil*. In prefácio ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste*. São Paulo: Cortez, 1999.

## **REVISTAS E PERIÓDICOS**

BERNARDES, Denis. *A apropriação cultural nordestina nas condições de dependência*.

---

<sup>29</sup>BERNARDES, Denis. *A apropriação da produção cultural nordestina nas condições de dependência*, Revista Comunicação & Política, p. 89

<sup>30</sup>Moacir DOS ANJOS, op. cit. s.p.

Revista Comunicação & Política, nº 3, Rio de Janeiro: CEBELA, 2002.

ROSA E SILVA, Enaura. *O papel da literatura e da arte na formação da identidade nordestina*. Revista Comunicação & Política, nº 3, Rio de Janeiro: CEBELA, 2002.

SPOSATI, Aldaíza. *O Desejo de São Paulo*. Revisata Novos Estudos. São Paulo:CEBRAP, 1996.

#### **DOCUMENTOS ELETRÔNICOS**

DOS ANJOS, Moacir. *Vinte notas sobre a identidade cultural no nordeste Brasil*. File:// htm.